



ARTIGOS



A SOLIDÃO REVELADORA: ESCREVER SOBRE A PANDEMIA “NO CALOR DO MOMENTO”*

PEDRO PANTHOCA DA SILVA**

Herz Fellowship, Universität Konstanz, Alemanha.

Recebido em: 5 jul. 2022. Aprovado em: 17 ago. 2022.

Como citar este artigo: SILVA, P. P. A solidão reveladora: escrever sobre a pandemia “no calor do momento”. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 22, n. 3, p. 65-81, set./dez. 2022. . doi: 10.5935/cadernosletras.v22n3p65-81

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo mostrar o que a literatura pode proporcionar a leitores no período de pandemia da Covid-19. Recorre-se a autores como Toshimitsu e Cordás (*LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?*, 2020), para embasar a importância da fabulação, e Koch (2009), no que diz respeito à escrita em si, bem como outros. No primeiro momento, será feito um breve levantamento do que diversos campos das artes

* Gefördert vom Bundesministerium für Bildung und Forschung (BMBF) und dem Wissenschaftsministerium Baden-Württemberg (MWK) im Rahmen der Exzellenzstrategie von Bund und Ländern. Funded by the Federal Ministry of Education and Research (BMBF) and the Baden-Württemberg Ministry of Science as part of the Excellence Strategy of the German Federal and State Governments.

** E-mail: ppanhoca@yahoo.com.br
 <https://orcid.org/0000-0001-5674-5632>

produziram a respeito de epidemias e pandemias. Logo após, considerações sobre as produções textuais mais recentes são feitas. Pode-se pensar que a mudança de hábitos incentivou novos e já conhecidos escritores a produzirem textos sobre a pandemia, suprimindo uma demanda que busca saber o que tem sido feito no “calor do momento”. Assim como em outras épocas, é necessário relatar a calamidade contemporânea, até porque as ciências, apesar de suas peculiaridades, podem apresentar muito em comum entre si.

Palavras-chave

Escrita. Leitura. Pandemia.

(MAIS) UMA CRISE CHEGOU: INTRODUÇÃO

“Não tenho mais dúvida de que há uma qualidade comum na ciência e na poesia – a imaginação” (Jacob Bronowski)

Alguns leitores e admiradores de gêneros literários como ficção científica, distopia, *cyberpunk* e similares talvez possam sentir culpados ao verem que a vida imitou a arte. Depois de ter superado outra pandemia – a da gripe suína H1N1 em 2009 – e ainda conviver com uma epidemia da AIDS desde 1981, a raça humana conheceu uma nova preocupação: o surto da Covid-19.

Segundo Werneck e Carvalho (2020, p. 1),

A pandemia da COVID-19 pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) tem se apresentado como um dos maiores desafios sanitários em escala global deste século. Na metade do mês de abril, poucos meses depois do início da epidemia na China em fins de 2019, já haviam ocorrido mais de 2 milhões de casos e 120 mil mortes no mundo por COVID-19, e estão previstos ainda muitos casos e óbitos nos próximos meses [...].

O insuficiente conhecimento científico sobre o novo coronavírus, sua alta velocidade de disseminação e capacidade de provocar mortes em populações vulneráveis, geram incertezas sobre quais seriam as melhores estratégias a serem utilizadas para o enfrentamento da epidemia em diferentes partes do mundo. No Brasil, os desafios são ainda maiores, pois pouco se sabe sobre as características de transmissão da COVID-19 num contexto de grande desigualdade social, com populações vivendo em condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso sistemático à água e em situação de aglomeração.

Assim como outros setores, o mercado editorial foi profundamente afetado pela pandemia da Covid-19. Acumulando resultados negativos pré-pandemia que culminaram em pedidos de falência, livrarias de grande prestígio como a Cultura (PORTO, 2020) e a Saraiva não conseguiram se manter antes da crise econômica causada pela propagação acelerada do novo coronavírus. Trigo (2018) lamenta o ocorrido, mas reconhece que “[...] o espaço dos livros físicos na vida dos leitores diminuiu, tanto como forma de entretenimento quanto como ferramenta essencial e indispensável de formação e emancipação”, constatação com a qual que leitores, por vezes, concordam. Se antes o mercado editorial sofria com a resistência em adaptar-se à demanda de consumo do século XXI – problemas também enfrentados por jornais e revistas – e apostava na especulação de que obra ou autor poderia emplacar (TRIGO, 2018), a emergência sanitária causada pela Covid-19 estava por gerar resultados ainda mais negativos.

A crise do mercado editorial afeta vários outros setores que dele necessitam, como o educacional, também atingido pela repercussão da chegada e disseminação do novo coronavírus no país. Segundo Martins e Almeida (2020, p. 2):

Com a necessidade do distanciamento social para diminuir a transmissão do novo Coronavírus, instituições educacionais precisaram suspender as aulas presenciais e grande parte das instituições de ensino deu continuidade aos processos educativos por meio do ensino remoto ou não presencial. Diante de tantas iniciativas e propostas educacionais diferenciadas, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou em 28 de abril de 2020 parecer favorável à possibilidade de cômputo de atividades pedagógicas não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual e proposta de parecer sobre a reorganização do Calendário Escolar, em razão da Pandemia da COVID-19, homologado pelo Ministério da Educação (MEC), em despacho de 29 de maio de 2020.

Se havia alguma preocupação com o futuro do livro no Brasil, tanto o didático como o literário, rapidamente foi destituída de sua então gravidade. Editoras de menor expressão e os mais diversos meios tecnológicos trataram de oferecer a leitores e telespectadores não “mais do mesmo” que a indústria do entretenimento oferecia, mas conteúdos “inéditos” sobre a pandemia. Isso serviu tanto para resgatar o conhecimento de epidemias passadas como escrever sobre o assunto do momento: um inimigo mundial chamado Covid-19.

A professora e pesquisadora Marisa Lajolo relata que a pandemia deixou todos mais solitários e com mais tempo livre devido ao isolamento, e com isso clubes de leitura proliferaram (DIÁLOGOS PPGL, 2021). Com isso, obras de escritores já conhecidos foram produzidas para atender a essa demanda, e autores e editoras em potencial viram, nesse caos pandêmico, a oportunidade de lançar novos talentos e livros para o leitor interessado na temática. Isso porque

A imaginação nos atinge e nos penetra de formas diferentes na ciência e na poesia. Na ciência, ela organiza nossa experiência em leis, sobre as quais baseamos nossas ações futuras. A poesia [assim como outros gêneros literários], porém, é outro modo de conhecimento, em que comungamos com o poeta, penetrando diretamente na sua experiência e na totalidade da experiência humana (BRONOWSKI, 1998, p. 20).

Além de atender a uma demanda que busca a literatura voltada à pandemia mundial da Covid-19, com a facilidade dos meios de comunicação e acesso mais democrático às mídias digitais, relatar esse trágico acontecimento que despontou em 2020 pode resultar na pandemia mais bem registrada da história, além de ser a mais abordada em diversas formas de arte. Portanto, aliar a importância do registro histórico do “calor do momento” por meio de novos escritores pode suprir uma demanda até então desconhecida por textos cujo tema são pandemias.

A PANDEMIA NA LITERATURA E OUTRAS ARTES: UM BREVE LEVANTAMENTO

Como é sabido, a literatura não é puro entretenimento, mas também serve – entre muitas outras “funções” – como veículo de registro e denúncia. Lucas Zamberlan (LITERATURA E PANDEMIA EM LUCÍOLA, 2020) afirma que na literatura brasileira os romances *Lucíola* (2019) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2019) foram obras que registraram alguns tipos de epidemia na literatura nacional, sendo a febre amarela um exemplo. Na obra de José de Alencar (1829-1877), Lúcia – nome apropriado pela cortesã Maria da Glória – tem seu destino motivado pela febre amarela, já que de sua família apenas sua irmã sobrevive à doença (LITERATURA E PANDEMIA EM

LUCÍOLA, 2020). Já na obra citada de Machado de Assis (1839-1908), quando Brás Cubas acredita na possibilidade de se casar com Nhá Loló, ela adoece por conta da febre amarela, e ele reflete sobre como uma epidemia pode afetar ou matar as pessoas, bem como sobre quem consegue sobreviver (LITERATURA E PANDEMIA EM LUCÍOLA, 2020). Além deles, segundo Thais Toshimitsu, textos como *O amor nos tempos do cólera* (GARCÍA MÁRQUEZ, 2009) e *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995) são tangíveis aos leitores brasileiros (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020) possivelmente pela proximidade territorial do primeiro e proximidade do idioma no segundo.

Nas literaturas de outros países, os exemplos também são muitos. Em *Édipo Rei* (SÓFOCLES, 2018), o protagonista liberta Tebas de uma peste; o *Decamerão* (BOCCACCIO, 2003) foi escrito no final da peste bubônica (1347-1353) que devastou a população europeia, assunto também tratado por uma obra publicada séculos depois: *Um Diário do Ano da Peste* (DEFOE, 2002). Segundo Toshimitsu, essas três obras têm como elemento em comum a missão dos personagens em escapar da peste (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020), algo que boa parte dos seres humanos tem tentado na contemporaneidade.

Além das obras supracitadas, possivelmente o livro mais lembrado dos textos canônicos seja *A peste* (2017), de Albert Camus, pois, segundo Toshimitsu, trata-se de uma obra mais cética e pouco esperançosa, servindo para promover reflexões sobre o rumo que o mundo precisa e que a humanidade quer tomar, nem sempre em acordo (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). *A peste* também se mostra um texto atrativo para o leitor pós-moderno pelo fato de poder ser considerado uma distopia, gênero tão em voga nas últimas décadas (IZEL; AQUINO, 2019). Essa obra de Albert Camus (1913-1960) pode agradar leitores atuais, pois seu autor a escreveu de 1940 a 1947, em plena Segunda Guerra Mundial, outro momento delicado e complexo da história mundial (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). Ainda segundo Toshimitsu, a sensação que um leitor de *A peste* pode ter é de que a humanidade perdeu o direito de fabular, já que um registro forte como o encontrado em sua obra pode representar o próprio fim da metáfora e, sem a presença dessa figura de linguagem, os humanos sobrevivem apenas com o sentido literal dos textos, levando sua raça à loucura (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS

O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). Talvez por isso essa e outras obras de Camus – assim como outros “escritores pandêmicos clássicos” – tenham conhecido edições de luxo.³

Nem só pela literatura a pandemia e a epidemia foram abordadas. Na época dos filmes em fita cassete, por exemplo, esse tema também norteou filmes como *O exército do extermínio* (1973) e *Epidemia* (1995). Com a invenção e popularização do suporte DVD, surgiram produções como *Fim dos tempos* (2008) e *Sentidos do amor* (2012). Textos que trazem à tona essas catástrofes também ganharam adaptações fílmicas, como *O Enigma de Andrômeda* (1971), *A última esperança da Terra* (1971) e *Filhos da esperança* (2006).

Além das fitas e discos ópticos, a Netflix, uma das plataformas de *streaming* mais populares, também investiu na exibição de filmes como *93 dias* (2016) e *Aniquilação* (2018). Séries como *The rain* (2018) e *Explicando... o coronavírus* (2020), só para citar algumas, também foram exibidas. Segundo Toshimitsu, talvez essa plataforma de *streaming* possa ter transformado o medo da população de o mundo virar uma distopia real em entretenimento, devido ao grande número de produções exibidas em seu catálogo para os assinantes (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). Tal papel se mostra uma ferramenta relevante para se combater a alienação cotidiana, já que plataformas desse tipo são procuradas para, além de outros motivos, aliviar a tensão do telespectador por certo tempo. Nesse ponto, um telespectador que assiste a uma série ou a um filme da Netflix pode se sentir como se os problemas da crise causada pelo novo coronavírus desvanecesse (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020).

Era de se esperar que produções específicas voltadas para o Covid-19 também fossem pensadas. Filósofos conhecidos no mercado editorial como Leonardo Boff (1938-) e Slavoj Žižek (1949-) apostaram nas obras *Covid-19: a mãe terra contra-ataca a humanidade: Advertências da pandemia* (2020) e *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo* (2020), respectivamente. Porém, o que chamou a atenção para a escrita produzida “no calor do momento” foi o grande número de antologias literárias, compilações de textos feitas desde veículos de grande prestígio. Um exemplo desse movimento é o *The Decameron Project: 29 New Stories from the Pandemic* (2020), livro de contos

³ No caso de Camus, um box foi lançado em 2021 com quatro de seus livros: *O estrangeiro*, *A peste*, *O mito de Sísifo* e *A queda*.

encomendado pelo *New York Times*, com produções literárias de respeitados autores contemporâneos, como Margaret Atwood (1939-), Paolo Giordano (1982-), Mia Couto (1955-), o brasileiro Julián Fuks (1981-), entre outros. Houve também forte divulgação de novos talentos por meio de publicações independentes ou de editoras confiantes nessa aposta, como a obra *Lockdown Literature: Anthology of Pandemic Literature* (2020) e *Histórias da Pandemia* (2020), que reuniram relatos pessoais, contos e poemas. O surto do novo coronavírus e a situação delicada que se desenvolveu, conseqüentemente, também inspiraram romancistas a produzirem no e sobre o cenário; como exemplo dessa produção, temos as obras *Pandemia: as mulheres de J.* (2020) e *Ana de Corona* (2020).

A LITERATURA INFECTADA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL CONTEMPORÂNEA

O *boom* das publicações sobre Covid-19 pode comprovar que assuntos de grande relevância tocam o homem. Segundo Toshimitsu, o entretenimento serve para aliviar o cotidiano (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). Porém, para alguns, o leitor não busca na literatura o que ele já conhece ou está cansado de saber. No entanto, esses não consideram que a humanidade se fartou de como a mídia transmite a informação – nesse caso, a pandemia – e não das histórias e diferentes experiências dos outros diante desse momento de crise mundial. A literatura, assim como outras artes, é capaz de “[...] explorar as alternativas da ação humana sem chegar a uma decisão sobre elas. Nessa indecisão, feliz e repleta de tensões, e somente nisso, a obra de arte difere profundamente da obra científica” (BRONOWSKI, 1998, p. 36).

Mais do que tratar como tabu, enfrentar o problema por meio da literatura pode ser tão libertador como atitude incentivadora de bons hábitos, como as práticas da leitura e escrita. Como exemplo, tem-se o livro *Pandemia: Antologia Poética de uma quarentena* (2020), que compilou textos poéticos e não ficcionais produzidos por alunos de 4º e 5º anos de uma escola pública, a fim de fazê-los publicar seus primeiros textos oficialmente, encorajando, ao mesmo tempo, a prática da escrita por um tema praticamente impossível de não integrar o cotidiano dos autores mirins.

A imaginação, empregada para criar narrativas sobre a pandemia – e outros contextos –, também tem papel fundamental nessa fase de crise sanitária causada pela Covid-19. De acordo com Bronowski (1998, p. 27),

A capacidade de traçar imagens que representem o que está ausente e de usá-las para experimentar situações imaginárias dá ao homem uma liberdade que nenhum animal tem. Essa liberdade tem dois aspectos distintos: um deles é o prazer que os seres humanos sentem ao explorar o imaginário. Ao brincar, a criança é movida por esse prazer, e o mesmo acontece com o artista e também com o cientista. Nesse sentido, a ciência representa, no fundo, uma forma de brinquedo.

O segundo aspecto da liberdade que as palavras e as imagens nos proporcionam é o fato de que elas nos pertencem, são pessoais.

Sem a possibilidade de se criar ficção em tempos de crise humanitária, restaria, então, encarar a realidade como ela é transmitida pela mídia, o que pode levar o homem à exaustão. Por esse e outros motivos, a ficção permanece sendo condição *sine qua non* para o cotidiano.

No caso do Brasil, o maior incentivo à leitura é encontrado dentro da escola e da universidade, o que possibilita aos mediadores trabalharem não só com obras literárias, mas com textos de diversas áreas. Isso posto, o novo coronavírus tem se mostrado um assunto interdisciplinar, e, por isso, pode proporcionar essa interação nem sempre reconhecida por profissionais de diversas áreas. Por vezes, é difícil para o cidadão comum imaginar que as ciências biológicas, exatas e humanas podem caminhar juntas, equívoco este perigoso de se acreditar, pois

Se a ciência é uma forma de imaginação, se todos os experimentos são uma forma de brincadeira, então a ciência não pode ser tão séria assim... No entanto, é o que muita gente supõe. Trata-se de outra falácia comum: de que a prática da arte é divertida, a da ciência é aborrecida (BRONOWSKI, 1998, p. 40).

Segundo o professor e psiquiatra Táki Athanássios Cordás, a relação entre as áreas da saúde e das artes é facilmente notada. Para isso, ele toma como exemplo a comparação entre a Psiquiatria e as Letras. Cordás afirma que existem muitos médicos que são escritores ou escritores que entendem profundamente de psiquiatria sem nunca ter estudado a fundo, pois têm a capacidade de descrever o “mundo mental” do homem, por vezes, melhor do que os próprios

psiquiatras (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). Cordás cita como exemplo os autores François Rabelais (1494-1553), Thomas de Quincey (1785-1859), Anton Tchecov (1860-1904), Arthur Conan Doyle (1859-1930), Sigmund Freud (1856-1939), Primo Levi (1919-1987), Mikhail Burgakov (1891-1940), Italo Svevo (1861-1928), Machado de Assis, Guimarães Rosa (1908-1967), Pedro Nava (1903-1984) e Lobo Antunes (1942-) – este médico psiquiatra de formação (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). Para Cordás, obras como *Enfermaria nº 6* (TCHEKHOV, 2005) e *O Alienista* (ASSIS, 2014) podem ser consideradas obrigatórias para médicos psiquiatras, assim como outras podem contribuir para a formação profissional e humanitária dessa classe médica, como *A consciência de Zeno* (SVEVO, 2019), *Dom Casmurro* (ASSIS, 2019) e o conto *O anjo Rafael* (ASSIS, 1869), entre outras (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020).

Longe da ideia de que escrever é algo nobre e seletivo, os escritores em potencial – aspirantes a profissionais ou eternos amadores que apenas buscam o prazer nessa prática – poderiam seguir o que sugere Koch (2009, p. 1):

Comece com qualquer coisa que lhe dê o ímpeto para começar: uma imagem, uma fantasia, uma situação, uma lembrança, um gesto, um grupo de pessoas – qualquer coisa que estimule sua imaginação. O trabalho consiste somente em colocar um pouco disso, ou tudo, em palavras capazes de alcançar e tocar um desconhecido, que você não vê, chamado leitor. Você precisa mergulhar nisso.

Seguindo o conselho acima, a pandemia da Covid-19 se mostra um dos temas mais atuais do mundo pós-moderno, bem como sua abordagem pode ser a mais livre possível, visto que, apesar do grande volume de obras publicadas sobre o período, sua produção ainda é iniciante. Isso não significa que qualquer um poderá produzir textos de certa relevância: “um certo grau de talento ao começar é indispensável” (KOCH, 2009, p. 39).

Outra vantagem de se escrever sobre o novo coronavírus é que poucas pessoas estão totalmente alienadas a ele. Diferentemente de se escrever sobre um assunto específico, usar a Covid-19 como pano de fundo para um texto mostra-se, de forma geral, mais fácil do que aparenta, já que “como escritor, você usa palavras para transformar o que *lhe* é desconhecido em algo que você ‘conhece’” (KOCH, 2009, p. 14, grifo do autor). Apesar de muitos terem uma

boa ideia do que é o novo coronavírus, possivelmente ninguém saiba profundamente o que ele de fato é, e a literatura pode preencher essa lacuna. Além do mais a familiaridade com a Covid-19 tem sido um assunto midiático em voga, o que também pode facilitar o início de um texto sobre ele. Segundo Koch (2019, p. 14-15), “a chave é partir do que você conhece, por pouco que seja, e prosseguir com constância. Suponha que comece com uma situação ou personagem extraídas diretamente da vida real. Como transformar essa realidade em ficção?”.

O “calor do momento”, por mais que possa gerar muitas obras de qualidade insatisfatória para leitores mais exigentes, favorece a produção textual que, por vezes, é útil para a criação de textos mais bem elaborados no futuro, pois “a velocidade também pode ajudar o escritor a vencer um bloqueio” (KOCH, 2009, p. 31). Nesse ponto, esses escritores por si só podem ser considerados “vencedores” por escreverem sobre um tema tão delicado como a pandemia do novo coronavírus. O *boom* das publicações de 2020, por sua vez, também se deveu à velocidade com que profissionais da escrita se empenharam a oferecer ao leitor – carente dessa temática até então – o que ele poderia se interessar, visto que ninguém, de fato, pôde e nem pode prever com exatidão tal calamidade global. Isso pode ajudar quem escreve a ter uma outra percepção de mundo. Segundo Koch, “é necessário que você observe como *escritor*” (2009, p. 51, grifo do autor). Os que ousam escrever sobre a Covid-19 podem ter, dessa forma, uma visão além daquilo que a mídia transmite ao cidadão comum.

TEXTOS COMO (UMA) CONSIDERAÇÃO FINAL

Toshimitsu afirma que em grandes crises históricas – como a causada pelo surto da Covid-19 –, por vezes, a arte é deixada de lado (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020); além disso, perde-se a possibilidade de sonhar e planejar um futuro melhor. Em meio a essa grande depressão, jovens e adultos sofrem de formas diferentes: os primeiros porque são naturalmente mais frágeis, e, ao se depararem com uma crise dessas tão precocemente, muitos se desestabilizam emocionalmente; enquanto os mais velhos, que já superaram tantas outras crises e sonham em um dia poder viver em paz e legar um mundo melhor aos mais novos,

acreditam que todo seu esforço foi em vão, visto que as crises parecem infinitas (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). Desmobilização, ausência de desejo, desesperança na humanidade e o fato de o homem ser a maior causa da própria morte são só algumas das consequências para os seres humanos, e o que a literatura pode fazer em meio a tudo isso é incerto (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). Porém, deve-se reconhecer que ela, assim como as outras artes, tem o poder de levar o leitor para onde ele “deseja”, e por isso possui papel fundamental nesse delicado contexto, ao contrário de quem a menospreza pensa. Pensa-se, por vezes, que as diferentes ciências não se relacionam entre si, já que

Muitos pensam que as ideias científicas são profundamente abstratas e só podem ser expressas em equações formais – o que é outra falácia comum. No fundo, nenhuma ideia fundamental, sobre qualquer assunto, é abstrata. A mente humana trabalha com imagens, e até mesmo as ideias mais sutis precisam ser formuladas por meio de imagens. Não podemos propor uma teoria para explicar os processos naturais, por exemplo, sem formar em nossa mente algum modelo de movimento, alguma organização ou reorganização de unidades, com base na nossa experiência. Por isso, para dar um exemplo, o raciocínio dos físicos sempre fala em ondas e partículas, noções que derivam da nossa experiência sensorial. Nesse sentido, toda a ciência está permeada de metáforas, que transferem uma parte da nossa experiência para outras e as ligam entre si, identificando pontos de semelhança entre elas. Todas as nossas ideias derivam dessas semelhanças metafóricas e incorporam-nas (BRONOWSKI, 1998, p. 47).

Em vez de ceder ao conformismo com a crise mundial e pouco se mobilizar diante da situação pandêmica, a literatura – bem como as outras artes – pode fazer com que autores e leitores interajam com o mundo de forma diferente.

Pode-se, nesse ponto, considerar autores e leitores brasileiros como vencedores por si só dessa crise causada pela proliferação da Covid-19 mundial, já que, segundo Toshimitsu, sonhar no Brasil é tarefa árdua considerando as múltiplas crises que seu povo sofre além da sanitária. Para essa professora, fantasiar no Brasil é difícil pelo fato de o futuro sempre parecer impedido (LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?, 2020). Isso também pode servir para outros de países em desenvolvimento.

Faz-se necessário discutir a Covid-19, não a transformar num tabu. Uma situação como essa não pode ser prevenida, mas pode e deve ser combatida de todas as formas possíveis. A literatura, em especial, tanto pode confortar leitores que compartilham as mesmas experiências como pode, como forma de expressão, contribuir com a produção sobre o “calor do momento”. Além disso, práticas primordiais como o hábito da leitura e escrita poderão ser exercidas por meio de temas gerados pela pandemia. Oficinas de escrita criativa, a facilidade proporcionada pela publicação digital, o incentivo de premiações literárias e o trabalho em sala de aula – presencial ou virtual – por mediadores competentes têm muito a contribuir e enriquecer sobre o assunto, mostrando à humanidade uma chispa de paz em meio ao caos. Abordar as doenças em textos é, entre muitos aspectos, manter o legado da literatura vivo.

Revealing loneliness: writing about the pandemic “in the heat of the moment”

Abstract

This paper aims to show what literature can provide readers during the COVID-19 pandemic. Authors such as Toshimitsu and Cordás (*LITERATURA E PANDEMIA: PERDEMOS O DIREITO À FABULAÇÃO?*, 2020) show the importance of fabulation, and Koch (2009) presents the relevance of the writing itself. Firstly, we show a brief survey of what various fields of the arts have produced about epidemics and pandemics. After that, we make considerations of the most recent textual productions. One can think that the change of habits encouraged the emergence of new and already known writers to produce texts about the pandemic, supplying a demand that seeks to know what has been done in the “heat of the moment”. As in other times, it is necessary to report the recent calamity because the sciences, despite their peculiarities, may have much in common with each other.

Keywords

Writing. Reading. Pandemic.

REFERÊNCIAS

93 DIAS. Direção: Steve Gukas. Produção: Bolanle Austen-Peters, Dotun Olakunri, Pemon Rami e Steve Gukas. Roteiro: Paul S. Rowlston. Interpretação: Bimbo Akintola, Danny Glover, Somkele Idhalama e Bimbo Manuel. [S. l.]: Native FilmWorks; Lagos: Michel Angelo Production; [S. l.]: Bolanle Austen-Peters Production, 2016. Filme exibido pela Netflix (118 min.), som original, colorido. Legendado (inglês) e dublado em inglês. Título do original: 93 Days.

A ÚLTIMA esperança da Terra. Direção: Boris Sagal. Produção: Walter Seltzer. Roteiro: John William Corrington e Joyce H. Corrington. Interpretação: Charlton Heston, Anthony Zerbe e Rosalind Cash. Los Angeles: Walter Seltzer Productions, 1971. 1 VHS (98 min.), som original, colorido. Dublado em inglês. Título do original: The Omega Man. Distribuição: Warner Bros. Baseado na obra de Richard Matheson. Música de Ron Grainer.

ALENCAR, J. de. *Lucíola*. São Paulo: Lafonte, 2019.

ANILQUILAÇÃO. Direção: Alex Garland. Produção: Scott Rudin, Andrew Macdonald, Allon Reich e Eli Bush. Roteiro: Alex Garland. Interpretação: Natalie Portman, Jennifer Jason Leigh, Gina Rodriguez, Tessa Thompson, Tova Novotny e Oscar Isaac. Santa Monica: Skydance Media; London, UK: DNA Films; New York City: Scott Rudin Productions, 2018. Filme exibido pela Netflix (115 min.), som original, colorido. Legendado (vários idiomas) e dublado. Título do original: Annihilation. Distribuição: Paramount Pictures e Netflix. Baseado na obra de Jeff Vandermeer. Música de Ben Salisbury e Geoff Barrow.

ASSIS, M. de. *O anjo Rafael*. 1869. Disponível em: http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/contosavulsos2.htm. Acesso em: 14 fev. 2021.

ASSIS, M. de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

ASSIS, M. de. *O Alienista*. 1. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Penguin, 2014.

ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. 3. ed. Jandira: Principis, 2019.

AYDOGDU, A. *Pandemia: as mulheres de J*. [S. l.]: Clube dos autores, 2020.

BOCCACCIO, G. *Decamerão*. Tradução Torrieri Guimarães. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

BOFF, L. *Covid-19: a mãe terra contra-ataca a humanidade: Advertências da pandemia*. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2020.

BRONOWSKI, J. *O olho visionário: ensaios sobre arte, literatura e ciência*. Seleção de textos Piero E. Ariotti e Rita Bronowski. Tradução Sérgio Bath. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CAMUS, A. *O estrangeiro*. Tradução Valerie Rumjanek. 50. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

CAMUS, A. *A peste*. Tradução Valerie Rumjanek. Nova edição. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CAMUS, A. *A queda*. Tradução Valerie Rumjanek. Nova edição. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Tradução Ari Roitman e Paulina Watch. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CHAKRAVARTI, J. (org.). *Lockdown Literature: Anthology of Pandemic Literature*. Internet: publicação independente, 2020.

DEFOE, D. *Um Diário Do Ano Da Peste*. Organização e Tradução Eduardo San Martin. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2002.

DÍALOGOS PPGL – Literatura e vida social segundo Antonio Candido, com Profa. Marisa Lajolo. Publicado no canal Programa de Pós-Graduação em Letras. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2021. 1 vídeo (1h22min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ac2fVG1Gow>. Acesso em: 1º ago. 2022.

EPIDEMIA. Direção: Wolfgang Petersen. Produção: Gail Katz, Arnold Kopelson, Anne Kopelson e Wolfgang Petersen. Roteiro: Laurence Dworet e Robert Roy Pool. Interpretação: Dustin Hoffman, Rene Russo, Morgan Freeman, Donald Sutherland, Cuba Gooding Jr., Patrick Dempsey e Kevin Spacey. Beverly Hills: Punch Productions, inc., 1995. 1 VHS (128 min.), som original, colorido. Legendado (português). Título do original: *Outbreak*. Distribuição: Warner Bros. Baseado na obra de Richard Preston. Música de James Newton Howard.

EXPLICANDO... o coronavírus. Direção: diretor desconhecido. Produção: Sara Masetti, Sam Ellis e Marie Cascione. Narração: J. K. Simmons, Laura Linney e Idris Elba. Washington D.C.: Vox Media, 2020. Série exibida pela Netflix. 3 episódios (20-26 min.), som original, colorido. Legendado (vários idiomas) e dublado. Título do original: *Coronavirus, Explained*. Distribuição: Netflix. Música de Jackson Greenberg.

FILHOS da esperança. Direção: Alfonso Cuarón. Produção: Alfonso Cuarón, Iain Smith, Tony Smith, Marc Abraham, Eric Newman e Thomas Bliss. Roteiro: Alfonso Cuarón, Timothy J. Sexton, David Arata, Mark Fergus e Hawk Ostby. Interpretação: Clive Owen, Julianne Moore, Michael Caine, Chiwetel Ejiofor e Charlie Hunnam. Santa Monica: Strike Entertainment; Brooklyn: New York, 2006. 1 DVD (109 min.), som original, colorido. Legendado (português e espanhol) e dublado em português. Título do original: *Children of men*. Distribuição: Universal Pictures. Baseado na obra de P. D. James. Música de John Tavener.

FIM dos tempos. Direção: M. Night Shyamalan. Produção: M. Night Shyamalan, Barry Mendel e Sam Mercer. Roteiro: M. Night Shyamalan. Interpretação: Mark Wahlberg, Zooey Deschanel, John Leguizamo e Betty Buckley. Los Angeles: 20th Century Studios; Los Angeles: RatPac Entertainment; Mumbai: UTV Motion Pictures; Los Angeles: Spyglass Media Group; Berwyn: Blinding Edge Pictures, 2008. 1 DVD (90 min.), som original, colorido. Legendado (português e espanhol) e dublado em português. Título original: *The Happening*. Distribuição: 20th Century Fox e UTV Motion Pictures. Música de James Newton Howard.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *O amor nos tempos do cólera*. Tradução Antonio Callado. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

IZEL, A.; AQUINO, M. A vez da distopia no Brasil: gênero ganha força no audiovisual brasileiro. *Correio Braziliense*, 11 jun. 2019. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/06/11/interna_diversao_arte,761753/distopia-no-brasil.shtml. Acesso em: 13 fev. 2021.

KOCH, S. *Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção*. 1. ed. 2. tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LITERATURA e pandemia: perdemos o direito à fabulação? São Paulo: Faculdade de Medicina da USP; FMUSP; Instituto de Psiquiatria, 2020. 1 vídeo (1h37min). Publicado pelo canal Depto de Psiquiatria Faculdade Medicina USP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gRGU_InR4KA. Acesso em: 11 fev. 2021.

LITERATURA e Pandemia em *Lucíola*, por Lucas Zamberlan (UFSM). Direção: FLISM. Edição: Camila Steinhorst. Santa Maria: Pró-Reitoria de Extensão UFSM, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iTzrZze5G8o>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes-fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. *REDOC – Revista Ciência e Cibercultura*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026/34672> Acesso em: 12 fev. 2021.

MIRABAI, G. *Ana de Corona*. [S. l.]: Kindle, 2020. *E-book*.

MONTELEONE, J.; SEREZA, H. C. (org.). *Histórias da Pandemia*. São Paulo: Alameda, 2020.

O ENIGMA de Andrômeda. Direção: Robert Wise. Produção: Robert Wise. Roteiro: Nelson Gidding e Robert Wise. Interpretação: Arthur Hill, James Olson, Kate Reid, David Wayne, Paula Kelly e George Mitchell. Universal City: Universal Pictures, 1971. 1 VHS (130 min.), som original, colorido. Legendado (português) ou dublado em português. Título do original: *The Andromeda Strain*. Distribuição: Universal Pictures. Baseado na obra de Michael Crichton. Música de Gil Mellé.

O EXÉRCITO do extermínio. Direção: George A. Romero. Produção: A. C. Croft. Roteiro: George A. Romero e Paul McCollough. Interpretação: Lane Carroll, W. G. McMillan, Harold Wayne Jones, Lloyd Hollar, Lynn Lowry e Richard Liberty. Pittsburgh: Pittsburgh Films, 1973. 1 VHS (103 min.), som original, colorido. Dublado em inglês. Título do original: *The Crazies*. Distribuição: Cambist Films. Música de Bruce Roberts.

PORTO, W. Editora Globo pede a falência da Livraria Cultura em novo processo na Justiça. *Folha de S.Paulo*, 19 out. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/10/editora-globo-pede-a-falencia-da-livraria-cultura-em-novo-processo-na-justica.shtml>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo; Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

SENTIDOS do amor. Direção: David Mackenzie. Produção: Malte Grunert e Gillian Berrie. Roteiro: Kim Fupz Aakeson. Interpretação: Eva Green, Ewan McGregor, Ewen Bremner, Stephen Dillane e Connie Nielsen. New York City: IFC films; Berlin: Wild Bunch, 2012. 1 DVD (92 min.), som original, colorido. Legendado (português e espanhol) e dublado em português. Título do original: *Perfect Sense*. Distribuição: Senator Film Verleih e IFC Films. Música de Max Richter.

SILVA, M.; DUARTE, Erilda (org.). *Pandemia: antologia poética de uma quarentena*. [S. l.]: Clube dos autores, 2020.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Tradução Mário da Gama Kury. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Edição bolso de luxo (Clássicos Zahar).

SVEVO, I. *A consciência de Zeno*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: L&PM, 2019. (Edição de Bolso).

TCHEKHOV, A. *Enfermaria no. 6*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Veredas, 2005. (Série Grandes Escritores).

THE NEW York Times. *The Decameron Project: 29 New Stories from the Pandemic*. New York City: Scribner, 2020.

THE RAIN. Direção: Kenneth Kainz e Natasha Arthy. Produção: Christian Potalivo. Roteiro: Jannik Tai Mosholt, Lasse Kyed Rasmussen, Marie Østerbye, Poul Berg e Mette Heeno. Interpretação: Alba August, Lucas Lynggaard Tønnesen, Mikkel Følsgaard, Lukas Løkken, Jessica Dinnage, Sonny Lindberg, Angela Bundalovic, Natalie Madueño, Clara Rosager, Evin Ahmad, Johannes Bah Kuhnke, Rex Leonard, Lars Simonsen, Jacob Luhmann, Iben Hieile, Bertil De Lorenzi, Anders Juul. Copenhagen: Miso Film, 2018. Série exibida pela Netflix. 20 episódios (35-48 min.), som original, colorido. Legendado (vários idiomas) e dublado. Distribuição: Netflix. Música de Av Av Av.

TRIGO, L. Crise do mercado editorial revela falência de um modelo. *G1*, 1º dez. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/luciano-trigo/post/2018/12/01/crise-do-mercado-editorial-revela-falencia-de-um-modelo.ghtml>. Acesso em: 11 fev. 2021.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *CSP – Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2020.v36n5/e00068820/pt>. Acesso em: 10 fev. 2021.

ŽIŽEK, S. *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.